



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/egungun>

## **O culto aos antepassados na Tradição Religiosa Yoruba e experiências com a morte na diáspora: Egúngún**

Maria da Glória Feitosa Freitas ou Yeye Obáluru Obàtálá Ilé Ifè[1]

Faseyi Awogbemi Dada ou Obáluru Obàtálá Ilé Ifé[2]

*Este texto apresenta o culto a Egúngún, ancestrais das famílias maternas e paternas, que são muito importantes para o povo Yorùbá.*

### **Na sua concepção religiosa, filosófica ou de vida: o que é morte?**

Na concepção religiosa Yorùbá é assim: tudo que existe não é só material. O eu oculto celestial ou espiritual está em tudo e inexistem mortos entre os seres humanos que passaram na Terra. Aquilo que se chama morte é a vida que segue, é somente um regresso ao Òrun (Plano Espiritual).

Na tradição Yorùbá, tudo o que existe aqui na Terra tem uma dimensão interna e oculta. Aquilo que falta aos olhos vivos é o eu oculto celestial ou espiritual. É assim para os humanos e assim, também, para as árvores. E todos os demais seres vivos/seres espirituais que vivem na floresta, nos bosques, nas matas.

Na cosmovisão Yorùbá, uma árvore não é somente aquilo que fisicamente vemos e chamamos árvore. Uma árvore é um espírito crescendo devagarzinho e/ou uma morada de espíritos, simbolizando ou encarnando certas realidades espirituais. Nossas orações, nossas histórias, versos de nossos oráculos ou os nossos cânticos (ijala em yoruba) e nossos rituais colaboram para uma convivência pacífica entre os seres espirituais presentes aqui na Terra, nossa coletiva e temporária morada. Cantar é uma forma de conviver e comemorar as nossas distintas existências, projetos sagrados de Olódùmarè/Deus em yorùbá.

Para a nossa Religião Tradicional Yoruba tudo é sagrado, tudo tem seu àse/lê-se axê no português, mas algumas coisas têm mais ou têm um àse mais intenso. Estes alaşe(s) (possuidores de àşe e autoridade) estão associados a um Orişa, a um verso de nossos oráculos e as histórias verdadeiras para nós ou chamadas de mitos pela antropologia. Histórias que conhecemos para saber os rituais



associados a elas em nossos oráculos. E que nos esclarecem sobre usos de objetos como semente do obi, água, folhas diversas, mel. São carregados de significação profunda e assim aprendemos nos versos dos oráculos yorubas e com tudo que herdamos de nossos ancestrais (DADA;FREITAS, 2028, p.01).

O culto aos ancestrais das famílias maternas e paternas são muito importantes para o povo Yorùbá. Na cidade de Ilé Ifè, no estado de Òsun, existe até uma temporada em que as famílias (dos sacerdotes de Religião Tradicional Yorùbá e demais famílias) realizam os seus festivais para dignificar a passagem destes familiares já falecidos.

EGÚNGÚN é um Orixá ainda pouco conhecido nos países da diáspora africana. É através deste Orixá que o povo yorùbá, cultua os antepassados que já não estão vivendo aqui na Terra. Ancestrais que já fizeram seus percursos e agora vivem nas suas comunidades espirituais origem. Nos estados da Bahia e Pernambuco existem alguns registros deste Culto aos Ancestrais e alguns pesquisadores estão publicando sobre o tema:

Sabe-se que os primeiros terreiros de culto à Egúngún, citados em obras como o de Nina Rodrigues (2008), Julio Braga (1990), Juana Elbein dos Santos (1986), Sobrinho (2015), Santos (2004), entre outros, indicam que os primeiros acontecimentos ligados a essa afro-religiosidade remota ao século XIX. O primeiro destes territórios foi Terreiro de Vera Cruz, aproximadamente na década de 1820 em Itaparica, depois o Terreiro do Mocambo (1830) fundado por Marcos o Velho que ao comprar sua alforria, foi a África e voltou com o assentamento do Olóri Égún Bàbá Olúkötún. Tem-se o terreiro da Encarnação (1850), o Túntún (1850) fundado por Tio Marcos, filho de Marcos o Velho, dentre outros. Na presente proposta de estudo, aqui desenvolvido, pretende-se vislumbrar e analisar com mais ênfase o Òmó Ilé Agboula fundado por Eduardo Daniel de Paula, Tio Serafim e Tio Marcos em 1940 na ilha de Itaparica e o Ilé Aýé Ôba Êrín, fundado por seu Crispim Daniel de Paula (Bábá Ijè Lokun) e que hoje está sob o comando do alágbà (sacerdote principal do terreiro de culto a egúngún) Crispim Daniel de Paula Filho (Öjê Ötùn Majô Bajô), sendo inaugurado na década de 2002 no bairro da Imbiribeira, depois se deslocou para o bairro do Ibura no qual sofreu perseguições de grupos evangélicos extremistas ligados a milícias que acabaram ameaçando todos do terreiro. Deste modo, todos decidiram seguir para o bairro do Jiquiá, (2017 a 2018), também na cidade do Recife. Atualmente está na cidade de Glória do Goitá no Estado de Pernambuco desde 2019, quando ganhou um espaço num



sítio para montar a casa de louvação a Egúngún doada pela Ìyá Ọgbě (mãe da comunidade), a Ìyálórìyà (sacerdotisa) Tâmara, se configurando como o único terreiro de louvação à ancestralidade em todo o estado.

Relatos orais afirmam sobre festividades e a participação dos chamados Ojés, sacerdotes do culto aos Ancestrais e Egúngún, isso teria ocorrido nos tempos da Iyalorisa baiana Maria Bibiana do Espírito Santo, famosa Iyalorisa do Candomblé e conhecida como Mãe Senhora, narrando sobre a participação de Babá Agboulá em eventos e que registraram que Egún (falecidos) participavam, assim como os Ojés, os sacerdotes de Egúngún, além de iniciados na religião como as mulheres que tinham cargos. (D'Amato, 2020).

Voltando os olhos para a Nigéria, nas cidades em que vivem os iorubás, com vasta quantidade de sacerdotes relacionados aos cultos dos antepassados, os Ojés, é sabido que a morte dos ancestrais não deverá nos afastar do legado de nossos familiares aqui da Terra e que já retornaram ao Òrun.

Devemos orar por eles, dialogar com seus legados, fazer oferendas e sermos dignos de pertencer ao conjunto de saberes que eles nos deixaram. Uma forma importante de se referir à natureza ancestral de Egúngún está em seu cognome popular Ará Orun kìnkin, expressão yorùbá que significa, habitante do céu.

O povo Yorùbá aprecia muito os provérbios e existe um provérbio que toca no tema dos ancestrais :

Iya Eni le egún Ile baba Eni Lorisa Oja

A mãe é a mascarada em nossa casa

A mãe representa os ancestrais dentro da casa e com relação à parte materna dos ancestrais. O pai é o lendário no mercado (significando o guardador dos legados ancestrais na vida pública da parte paterna). Os pais são realizados não só na mais alta estima pelos filhos, mas também como modelos a serem seguidos, são os encarregados da educação dos filhos e quando partem de volta ao Òrun (plano espiritual) serão eternamente nossos ancestrais a serem respeitados, lembrados e receber o nosso eterno agradecimento, orações e oferendas.



Orixá Egúngún oferece parâmetros domésticos para a formação do caráter da criança no ‘mercado’ interno da casa. Enquanto a criança confia no pai em público, e, idealmente, a criança recebe a educação em casa da mãe, e sua introdução, a iniciação e a orientação na vida pública mais ampla vai recebendo do pai, assim, a vida de cada criança segue bem e sem apagamentos dos antepassados das famílias do pai e da mãe. Assim não é comum o medo de lidar com os familiares já falecidos como se vê em alguns países da Diáspora Africana.

Sempre é especial festejar os nossos ancestrais. O Festival do EGÚNGÚN IKAKA, na casa dos nossos familiares na Nigéria, chefiado pelo Obalesun de Obàtálá Holy Temple, é momento de relembrar os ancestrais e encontrar os parentes que já não vivem na Terra. Existe um dos parentes que vai vestir a roupa e incorporar no ancestral. Este sempre é um momento muito importante para toda família de sacerdotes da Religião Tradicional Yoruba/Isese.

É um anual encontro festivo e alegre dos parentes com a oportunidade de cultuar os ancestrais com toda a família. São feitas orações e oferendas para todos neste dia dedicado aos ancestrais. O ancestral se chama EGÚNGÚN IKAKA e costuma sair da casa do Obalesun e vai às ruas de Ilé Ifè. Em Ilé Ifè é obrigatório que os festivais de EGÚNGÚN aconteçam ainda no mês de agosto. Isso acontece pelo fato de setembro ser o Festival de Olojo, celebrado o Primeiro Dia da Experiência Terrestre de Òrìsà, no fim de setembro.

FIG. 01 - Egúngún Ikaka e Festival na Casa do Obalesun em Ilé Ifè. ObàLuru Obàtálá Ilé Ifè.





Odun/Festivais de Egúngún são celebrados em todas as regiões das terras do Povo Yorùbá. Egúngún significa "Masquerade/mascarado". São identificados com os mascarados que nos visitam e representam nossos antepassados. Egúngún são aqueles que fundaram a nossa linhagem e estão vigilantes para a continuação da linhagem e da preservação dos valores e da formação do caráter das novas gerações.

Nas ocasiões em que aparecem costumam oferecer conselhos e reclamar de comportamentos inadequados dos seus descendentes. Eles acompanham de longe os seus descendentes. Como uma espécie de "morto-vivo", continuam a afetar as vidas dos 'vivos'/seus descendentes.

Há uma variação rica em fantasia e ritual para o Egúngún. De uma forma ou de outra, todos Egúngún estão associados com antepassados de linhagem, embora alguns, como as honras mascaradas também estão associadas a um grupo.

Desfilam pelas ruas e visitam santuários importantes. os desfiles dos Egúngún varrem a terra, harmonizando, afastando males, limpam todos das epidemias, da escassez de alimentos, de negatividades, de muitos outros males. Os mascarados/mascarados Egúngún também visitam seus parentes para orar por eles e aconselhá-los sobre o que fazer para prosperar.

Egúngún são considerados espíritos coletivos dos Ancestrais que ocupam um espaço no céu, por isso são chamados de Ará Orun (Morador do céu). Nossos espíritos ancestrais estão em constante vigilância sobre seus sobreviventes na Terra. Eles abençoam, protegem, alertam e punem os parentes terrenos dependendo de como os parentes relevam seus legados, os negligenciam ou pouco lembram deles e raramente fazem orações ou oferendas.

Os espíritos Ancestrais têm função coletiva que atravessa a linhagem e a lealdade familiar. Eles protegem coletivamente a comunidade contra espíritos malignos, epidemias, fome, magias negativa e malfeitores. Garantem o bem-estar, a prosperidade e a produtividade de toda a comunidade. Os espíritos podem ser invocados coletivamente e individualmente em momentos de necessidade.

Seu local de chamada é geralmente nos túmulos dos ancestrais (Ojú Oórì/ Ojú Eégún) em algumas outras partes da Nigéria, próximo da casa da família e cuidados pela família para evitar profanações aos restos mortais dos ancestrais. E no santuário da família (Ilé Irun) ou no bosque comunitário (Ìgbàlè ou Igbó Eégún).



Os iorubás vivem em constante comunhão com nossos ancestrais, esses espíritos dos ancestrais são mais acessíveis do que Òrìsà. Os espíritos Ancestrais são recorrentemente convidados a visitar fisicamente a Terra vestidos com roupas e cabeças cobertas, com Máscaras e os mascarados também são chamados de Egúngún.

Existem várias categorias de Egúngún (Máscaras) em Yorubaland, as áreas em que vivem os iorubás na Nigéria. No passado, alguns Egúngún lideraram sua comunidade na guerra, este tipo de Egúngún era capaz de expor e executar magias e suscitar espíritos malfeitores na sociedade.

Os herbalistas possuem seus próprios Egúngún, eles são chamados de Eégún Olóògùn para demonstrar seus poderes místicos, os grupos dos caçadores também possuem os seus próprios chamados Láyèwùaka Egúngún Odẹ (Egúngún do Caçador).

Alguns Orixás também têm Egúngún. Egúngún Oya (Máscara da Orixá Oya), Eégún Egbé (Egúngún dos Pares do Céu), temos também Egúngún Olóré para os Jovens, Egúngún Alárìnjó são animadores culturais, esse Egúngún é festivo, dança, canta e até exhibe habilidades acrobáticas, eles também encenam dramas para divertir seus público, eles cantam versos sobre a linhagem ancestral (Oríkì) da família e linhagem dos ancestrais).

Existe a exibição de Egúngún no rito de passagem fúnebre, este Egúngún imita o estilo de vida da alma que partiu, caminha como o falecido e até usa a fantasia semelhante aos trajes do falecido, isso ocorre para demonstrar à família que o falecido 'ressuscitou dos mortos' e habita no céu com os outros ancestrais. Esse Egúngún representa o falecido(a) nos rituais fúnebres.

## ÌWÚRE ODÚN

Odún l'awo Eséji.

Ìro l'awo Afàkàn.

Àsèyí sàmódún ní se s'awo Àró-òsunko.

Adífá fún Òrúnmilà.

Babá se odún yíí.

Wón ni kòní se èèmí.

Babá gbó títí ó rín won-rín won.



Odún làá rórógbó.

Odoodún làá róbi.

Odoodún ni ìyèré so.

Odoodún làá rí ata.

Odoodún làá rí yonmotè lóri Egúngún.

Àkànnàm àgbò oko kíí podún je àì mo hù[3]

Eégún Bàbá mi òfe o,

Òòsà Bàbá mi òfe,

Eégún yíí ma le tété.

Ó màdàbí osù.

Onígborí omo kúlódò.

Omo kúlódò awubi

Omo kúlódò awusi èyò.

Omo ikú kan tí mbe lódò tó tì ìgborí wá.

Taa ní nso pé Onigbòrí kò lódò.

Wípé omi ikú ni wón ípon.

Ta lóni Àasà.

Ta lóni Èkoro.

Ta lóni dòbòdé omi ìpakùn.

Ta lóni afúnlété omi ayaba.

Dòbòdé ò demi lórun ẹ̀sè mó.

E woafúnlété bó ti ntú ayaba láso.

Èrò ìgborí omo kúlódò awubi.

Ará ìgbòrí omo kúlódò awusi èyò.



Onígbórí won ò lagba.

Gbogbo won ní ñjé baba.

Omo Ajé baba majẹ arúgbó.

Ará Ìgbòrí e kú ma ko apinni.

Níbi o ko ìdí rẹ si.

Níbi o ko ìdí rẹ lo.

Ẹni arakan tii jijo awo.

Omo arùku rojà ma tà.

Òkú ta gbe rojà tí ò tà.

A gbé òkú òhún padà wálé.

O wáyóyó ó ku bi okinni[4]

## Bibliografia

D'AMATO, Andrea Silva. *Tempos Compostos: Babá Egún, fotografias, ancestralidades e memórias no Omo Ilê Agboulá*. Dissertação de Mestrado. Guarulhos, Universidade Federal de São Paulo, 2020. Disponível em: [https://visurb-unifesp.com.br/wp-content/uploads/2020/12/Dissertacao\\_baba\\_egun\\_andreaD.pdf](https://visurb-unifesp.com.br/wp-content/uploads/2020/12/Dissertacao_baba_egun_andreaD.pdf). Acesso em: 02 de dezembro de 2024.

DADA, Faseyi Awogbemi; FREITAS, Glória. Dialogando com a semente de obi ou a floresta: um convite para conhecer um pouco da nossa tradição religiosa e cultura Yoruba. *ClimaCom – Diálogos do Antropoceno* [online], Campinas, ano. 5, n. 12. Ago. 2018. Available from: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9478>. Acesso em: 02 de dezembro de 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo (Nova edição)**. Editora Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Ronnei Prado. O CULTO DE EGÚNGÚN E A FAMÍLIA DANIEL DE PAULA: UMA CELEBRAÇÃO DA VIDA PARA ALÉM DA MORTE. XIII Encontro Estadual de História. ANPUH, Pernambuco, 2020. Disponível no link: [https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1599155506\\_A RQUIVO\\_dcd4cbdf5f97e6f14fa1cb5aa3c3fa6e.pdf](https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1599155506_A RQUIVO_dcd4cbdf5f97e6f14fa1cb5aa3c3fa6e.pdf) Acesso em: 02 de dezembro de 2024.

---



[1] Pesquisadora Colaboradora no Labjor-Unicamp (2023 e 2024), Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Yeye do Templo de Obàtálá de Ilé Ifé, membro da casa do Atori de Obátála e Yemòó.

[2] Professor Especialista Visitante no IEL/Unicamp entre Agosto e dezembro de 2024, lecionou a Disciplina Tópicos de Linguística V – HL094, Obà do templo de Obàtálá de Ilé Ifé, membro da casa do Atori de Obátála e Yemòó.

[3] Tradução do ÌWÚRE ODÚN/Oração do Festival Anual): Odun é o sacerdote de Eseji. Chimpanzé é o sacerdote de Afakan. Continuidade é o sacerdote de Aro que não dorme na fazenda. A Consulta Oracular de Ifa foi feita para Orunmila. Babá estava vivo para comemorar um novo ano. As pessoas diziam que ele não estaria vivo para comemorar os próximos anos. Baba os ouviu e riu. Ele disse que a amarga Kola (OBI) produzia sementes anualmente. Ele disse que a noz-de-cola (OBI) produz sementes anualmente. Ele disse que a pimenta trepadeira se reproduz anualmente. Ele disse que a pimenta se reproduz anualmente. Ele disse que sempre encontramos o santuário de Egúngún na cabeça deles anualmente. As folhas de Àkànnàmàgbò sempre brotam a cada ano.

[4] Meu pai Egungun: Ofe o. A divindade do meu pai. Esse baile de máscaras é lindo. É lindo como uma lua nova. Onigbori, filho de Kulodo. O filho de Kulodo Awusi. O filho de Kulodo Awusi eyo. Filho de uma personalidade forte (o espírito dos mortos) do riacho que veio de Igbori. Quem disse que Onigbori não tem riacho? Isso diz que eles bebem da água da morte? Quem é o dono do Rio Aasa? Quem é o dono do Rio Ekoró? Quem é o dono do Dobode, água de Ipakun? A quem pertence a água límpida, o riacho da Rainha? O rio Dobode tem agora apenas alguns centímetros de profundidade. Veja como o riacho limpo também está despindo a Rainha. Morador de Igbori, descendentes de Kulodo Awusi. Cidadãos de Igbori, descendentes de Kulodo Awusi eyo. As pessoas dizem que o povo de Igbori não tem anciãos. Todo mundo agora se autoproclama como o mais antigo. Todos eles são chamados de pais. Eles são chamados de pais, mas não envelhecem. O filho daqueles que levaram um cadáver para vender no mercado e ninguém comprou. O cadáver que foi levado ao mercado para a venda mas ninguém comprou. O cadáver foi levado de volta para casa. Começou a se dissolver gradualmente. Até que foi reduzido ao tamanho de uma agulha. Os restos mortais estão agora no santuário de Orisa Akire. É este o que os filhos de Molufo Ade adoram como sua divindade.